

Universidade Federal do Rio Grande Do Sul
Faculdade de Educação
Licenciatura em Pedagogia

Mariana Motta Klein

livros didáticos e bncc:
como abordam a variação
linguística?

Porto Alegre
Dezembro de 2019

Universidade Federal do Rio Grande Do Sul
Faculdade de Educação
Licenciatura em Pedagogia

Mariana Motta Klein

**LIVROS DIDÁTICOS E BNCC:
COMO ABORDAM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?**

Porto Alegre
Dezembro de 2019

Mariana Motta Klein

**LIVROS DIDÁTICOS E BNCC:
COMO ABORDAM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em _____.

Orientadora: Profa. Dra. Natália de Lacerda Gil

Profa. Dra. Natália de Lacerda Gil

Profa. Dra. Patrícia Camini

Profa. Me. Luciane Andreia Ribeiro Leite

Porto Alegre
Dezembro de 2019

Mariana Motta Klein

**LIVROS DIDÁTICOS E BNCC:
COMO ABORDAM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Natália de Lacerda Gil

Porto Alegre
Dezembro de 2019

Dedico este trabalho aos meus pais,
ao meu irmão e às pessoas
constituintes de diferentes falares, as
quais despertam em mim, a grande
vontade de estudá-los.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi construído com muito carinho, inspiração e ajuda de pessoas queridas em minha vida. Essas pessoas empenharam-se em dispor de tempo, recursos e incentivos para que minha graduação fosse concluída durante os quatro anos requisitados. Antes de agradecer aos meus queridos familiares e amigos, agradeço a Deus, que por meio do Senhor Jesus Cristo trouxe vida eterna e motivação para que vivamos sob Sua dependência durante o curso de nossas vidas neste mundo.

Em seguida, gostaria de agradecer...

Aos meus pais, Isaías Teixeira Klein e Patrícia Motta Klein pelos conselhos, cuidados, amor e sustento durante o período de graduação.

Ao meu irmão, Arthur Motta Klein, pelo tão grandioso amor junto da tão grandiosa capacidade de me deixar tranquila e alegre pelo fato de tê-lo em minha vida.

À minha avó, Jurema Teixeira Klein, pelos mimos, cuidados e amor durante o tempo de graduação. Principalmente pelo delicioso chimarrão que me esperava quando chegava em casa.

Aos meus tios, Érica Klein Menchik e David Valderino Menchik, que sempre estiveram dispostos a ajudar e orar por minha vida.

Aos meus primos, Renan Klein Menchik e Renato Klein Menchik, que oraram por mim e muito saíram comigo para descontraí-los.

Ao meu namorado, Leonardo Batista Pereira, que incentiva minhas escolhas e auxilia na construção de reflexões.

Aos irmãos da Congregação Batista de Eldorado do Sul que oram por mim e compartilham ensinamentos.

À minha professora orientadora Dra. Natália de Lacerda Gil, com quem muito aprendi sobre ter o olhar crítico para as realidades do nosso país.

Às colegas que viraram grandes amigas, Carla Gil, Cristiane Schossler, Laura Kraus Pereira, Larissa Gehlen e Luíza Rodeski.

À minha amiga Caroline Junges Rodrigues, a qual compõe minha história e a construção de quem eu sou desde a época do Ensino Médio.

Aos professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que muito ensinaram durante o tempo em que estive na graduação.

À minha querida e *eterna* professora de Espanhol do curso pré-vestibular, Daiane Paz Padula, a qual me despertou para o interesse na área de estudos que tanto gosto.

Às professoras que aceitaram ler o meu trabalho e fazer boas contribuições, Profa. Dra. Patrícia Camini e Profa. Me. Luciane Leite.

Meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

Resumo: A presente pesquisa realiza a análise de livros didáticos utilizados nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, buscando identificar e refletir sobre a presença da variação linguística como conteúdo obrigatório para o terceiro e o quinto ano. Para realização da análise, utilizou-se como fonte dois livros didáticos de uma mesma coleção e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), junto da construção teórica a partir de Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2009), Antunes (2009) e Bagno e Lagares (2011) para pensar a língua; Bourdieu (1970) para compreender a dominação dos grupos sociais e Silva (2017) e Young (2014) para pensar o currículo escolar. Encontrou-se na análise, a perpetuação dos estereótipos e o ensino generalizado da variação linguística que corrobora no uso de estigmas linguísticos. O trabalho pretende auxiliar os professores na estruturação de reflexões sobre o ensino de língua e suas variedades, contribuindo para a constituição de uma sociedade que promova igualdade de acesso às oportunidades através do ensino de língua materna.

Palavras-chave: variação linguística; Ensino Fundamental; materiais didáticos; Base Nacional Comum Curricular.

RESÚMEN

Resúmen: La presente investigación realiza el análisis de los libros didácticos enfocados a los años iniciales de aprendizaje, identificando y reflejando, las formas en que la variación lingüística está presente como contenido obligatorio para el tercer y el quinto año de Enseñanza Fundamental. Las fuentes utilizadas para realización del análisis fueron: libros didácticos, el documento de la Base Nacional Comum Curricular (BNCC) y el conjunto de la construcción teórica a partir de Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2009), Antunes (2009) y Bagno y Lagares (2011) para pensar la lengua; Bourdieu (1970) para comprender la dominación de grupos sociales y Silva (2017) así como Young (2014), para observar el currículo escolar. Se encontró en el análisis, la perpetuación de estereotipos y la enseñanza generalizada de la variación lingüística que ayuda a sostener los estigmas lingüísticos. El trabajo pretende auxiliar a los profesores en la construcción de reflexiones sobre la enseñanza de las variedades de la lengua, ayudando en la construcción de una sociedad que promueva igualdad al acceso de oportunidades través de la enseñanza de la lengua materna.

Palabras-llave: variación lingüística; Enseñanza Fundamental; materiales didácticos; Base Nacional Comum Curricular.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Por esas callecitas de mi ciudad vengo bajando</i>	26
Figura 2 - A paisagem linguística do Brasil	15
Figura 3 - Arte na rua	20
Figura 4 - Unidades e Capítulos (I)	28
Figura 5 - Atividade sobre vídeo	29
Figura 6 - Texto “Variedades Linguísticas”	30
Figura 7 - Atividade de fala e escrita.....	32
Figura 8 - Conceitos de variedades linguísticas e norma-padrão	32
Figura 9 - Variações intercontinentais	33
Figura 10 - Variações	34
Figura 11 - Praticando a variação linguística	35
Figura 12 - Unidades e Capítulos (II).....	37
Figura 13 - Texto “Escadas”	38
Figura 14 - Texto “Escadas” (II)	38
Figura 15 - Atividade linguagem formal e linguagem informal.....	39
Figura 16 - Explicação sobre variação linguística.....	39
Figura 17 - Linguagem formal e linguagem informal	40
Figura 18 - Reflexões sobre o bilhete	41
Figura 19 - Gíria	41
Figura 20 - Dicionário dos Skatistas	42
Figura 21 - Gírias antigas	43
Figura 22 - Pesquisa	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Unidades e Capítulos do livro do terceiro ano.....	28
Tabela 2 - Unidades e Capítulos do livro do quinto ano.....	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 O BRASIL, A CONDIÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E A LÍNGUA.....	15
1.1.1 O ENSINO DE LÍNGUA BRASILEIRA.....	15
1.1.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E O ENSINO.....	16
1.2 A PESQUISA	17
2 O CURRÍCULO ESCOLAR	20
2.1 AS INTENCIONALIDADES QUE DEFINEM O TERRITÓRIO CURRICULAR E A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	20
2.2 O CURRÍCULO ESCOLAR E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: HISTÓRICO E MOTIVAÇÕES DA CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTO.....	21
2.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR	23
3 LIVROS DIDÁTICOS	27
3.1 POR QUE ANALISAR LIVROS DIDÁTICOS?	27
3.2 O LIVRO DO TERCEIRO ANO E OS ESTEREÓTIPOS LINGUÍSTICOS. 28	
3.3 O LIVRO DO QUINTO ANO E A NECESSIDADE DE COMPREENDER A LÍNGUA ALÉM DOS ESTIGMAS LINGUÍSTICOS	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	48

Figura 1 - *Por esas callecitas de mi ciudad vengo bajando*



Fonte: Lorraine Glessner (2009)

“A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada”

(BANDEIRA, 1993)

1 INTRODUÇÃO

Quando observamos o falar de uma língua, transitamos por palavras que são compartilhadas e polissêmicas. Por serem tão vastas, as palavras nos permitem o trânsito entre diferenças que vão da fonologia à semântica. Nesse sentido dinâmico da língua, surgem as variações linguísticas. Elas são construídas através de questões sociais, históricas, geográficas e situacionais. Corporificam a língua e cooperam para o seu movimento vivo.

[...] em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua [...] (ANTUNES, 2009, p. 22).

A língua brasileira é constituída por muitas variações. Porém, o histórico de reconhecimento das diferentes variedades não é muito favorável. Por muito tempo, nas escolas brasileiras, o ensino de língua portuguesa foi baseado na gramática normativa. Justificava-se que a mesma deveria nortear os usos da língua escrita e da língua falada. Nessa perspectiva, o aluno aprendia que a fala deveria ser *correta*, como o que estava nos livros. Para Bagno (2009), esse padrão desconsiderou, por um longo período, a pluralidade existente na língua falada.

Com o correr dos anos, nesse contexto educacional, surgiram problematizações e indagações vindas das pesquisas em sociolinguística. Autores como Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2004), Tarallo (2000), Soares (1994) e outros ajudaram e seguem ajudando a pensar essas questões de exclusão a partir da fala, que, por muito tempo, produziram a sensação de fracasso nos falantes das variedades menos prestigiadas. Nessa perspectiva foi possível compreender que a língua falada e a língua escrita são códigos diferentes do mesmo idioma. A partir deste novo contexto, a variação linguística foi instituída como conteúdo e algumas práticas pedagógicas necessitaram ser repensadas, assim como os materiais didáticos e o planejamento docente.

Diante disso, a presente pesquisa buscou analisar como a variação linguística está proposta nos livros didáticos do terceiro e quinto ano, como conteúdo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de modo a permitir a reflexão sobre acerca dos aspectos curriculares, dos grupos sociais e da compreensão que se tem sobre língua no ambiente escolar, pretendendo, assim, auxiliar na reflexão sobre os espaços de ensino da língua portuguesa.

1.1 O BRASIL, A CONDIÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E A LÍNGUA

Figura 2 - A paisagem linguística do Brasil



Fonte: Marcelo Oliveira (2013).

1.1.1 O ENSINO DE LÍNGUA BRASILEIRA

Ao analisar as opiniões e comentários de muitos brasileiros até o século XXI, percebe-se a indissociação feita entre a escrita do Português e a língua falada. Não é à toa que isso acontece em um país que busca referências e parece precisar estabelecer-se a partir do movimento colonizador feito por Portugal na região da América Latina que constituiu o que atualmente é o Brasil. Percebe-se no povo brasileiro e, sobretudo, na elite brasileira, uma valorização da cultura europeia e do que os europeus fizeram pelo país. Isso reflete em todos os aspectos de formação cultural da sociedade, inclusive nos aspectos linguísticos (LAGARES; BAGNO, 2011).

Por muito tempo, no Brasil considerava-se o Português falado em Portugal como a maneira correta da língua. Desconsiderava-se a produção e a ordem linguística do povo brasileiro em contextos mais populares e em localidades periféricas. Fazia-se o movimento de busca pela língua *correta*, mas ela nunca era encontrada, pois essa língua não era a falada pelos brasileiros. Essa concepção linguística perdurou por muito tempo no ensino de linguagem em todos os níveis e modalidades da educação. Desse modo, passava-se ao estudante a noção de que sua língua era fracassada.

Há pouco tempo, no ano de 2011, chegaram às escolas, através do Programa Nacional do Livro Didático instituído pelo Ministério da Educação (MEC), livros que abordavam as variações de palavras e de concordância presentes no Português falado. Alguns professores e profissionais da área da educação que não compreendiam as variações do português brasileiro ficaram chocados com o conteúdo disposto nos livros. Corroborando a situação, a mídia noticiou o fato com o seguinte título: “*MEC distribui livro que aceita erros de português*” (O Globo, 2011)¹. Esse acontecimento evidencia, mais uma vez, a estigmatização das variedades pelos próprios falantes, que não compreenderam que o material distribuído às escolas estava fundamentado na preocupação de passar ao aluno capital cultural², para que suas perspectivas de acesso a lugares em que sua variedade não era reconhecida lhe fossem possíveis. Essa condição sócio-histórica do país e os preconceitos reproduzidos no contexto de ensino fazem com que seja necessário refletir sobre o que fundamenta o menosprezo presente pelas variedades que fogem ao português *padrão*.

1.1.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E O ENSINO

Ao atentar para a sociedade brasileira e a igualdade de acesso às oportunidades, percebe-se que existem muitas diferenças na distribuição de renda que implicam na partilha de determinados espaços nas relações entre os grupos sociais (BOURDIEU, 1977). Nesse sentido, o menor grupo da população possui maior concentração de renda e o maior grupo possui a menor concentração (IBGE, 2018)³. Esse dado, além de indicar quem detém maiores recursos, auxilia na compreensão sobre como alguns padrões sociais são instituídos e perpetuados a partir da reprodução do preconceito.

Nessa perspectiva emerge o preconceito linguístico, definido pelo desconhecimento das variedades do português de origem menos prestigiada socialmente. O preconceito linguístico exclui, destrata e diminui quem fala as variedades *não padrão* do português brasileiro. O ambiente de ensino, muitas vezes,

¹Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/mec-distribui-livro-que-aceita-erros-de-portugues-2789040>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

² Assume-se como conceito de *capital cultural* o que para Bordieu (1970) é a ferramenta importante para compreender a luta entre os grupos sociais e suas relações com a cultura dominante.

³Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/8ff41004968ad36306430c82eece3173.pdf>. Acesso em 25 nov. 2019.

pode acabar se constituindo como um local de perpetuação para a prática e reprodução do preconceito linguístico. A ação nesse espaço faz com que a variedade dos grupos mais prestigiados seja legitimada, como elucida Bagno (2009, p. 51) “Muitas vezes, os falantes das variedades estigmatizadas deixam de usufruir diversos serviços a que têm direito simplesmente por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos”.

O desconhecimento das variedades contribui para que o Brasil mantenha um sistema que efetiva a desigualdade. A pedagogia e ensino de língua portuguesa devem combater as práticas que reforçam o preconceito linguístico, atentando para não repetir estigmas. Por isso, a fundamentação para ensino de língua materna deve ser sustentada no reconhecimento das variedades que compõem o idioma, possibilitando acesso à língua padrão para quem não o tem, de maneira democrática e libertadora, através da prática pedagógica (FREIRE, 1987).

1.2 A PESQUISA

Através das constatações levantadas e assumindo como foco o ensino dos fenômenos linguísticos que ocorrem na língua portuguesa, torna-se pertinente analisar os materiais didáticos e a forma como os conteúdos são ensinados aos alunos. Por isso, a presente pesquisa realizou uma análise de livros didáticos destinados ao terceiro e quinto ano do Ensino Fundamental. Os livros foram efetivamente utilizados no ano letivo de 2019 em uma escola privada do Rio Grande do Sul. Para realização da análise, assumiu-se como fonte de pesquisa junto dos materiais didáticos, a Base Nacional Comum Curricular. A pesquisa objetivou analisar o que o documento oficial propõe e como o conteúdo disposto no documento está sendo proposto pelos livros didáticos. Esse movimento de análise foi feito pretendendo contribuir com a problematização de um cenário de preconceito linguístico em um território de pluralidade de fala, como é o caso do Brasil.

A escolha dos livros didáticos para análise é justificada pelo fato de que em muitas salas de aula eles são os materiais utilizados para o ensino dos conteúdos e reflexão pedagógica (BATISTA, 2003). Logo, o docente credita confiança na organização e seleção dos assuntos dispostos no material. Nesse sentido, a Base auxilia a compreender os conteúdos básicos que cada etapa do ensino deve contemplar,

declarando-se ser um documento que auxilia na mudança do quadro de desigualdade social do país através da educação e da priorização de conteúdo nos materiais didáticos:

A BNCC por si só não alterará o quadro de desigualdade ainda presente na Educação Básica do Brasil, mas é essencial para que a mudança tenha início porque, além dos currículos, influenciará a formação inicial e continuada dos educadores, a produção de materiais didáticos, as matrizes de avaliações e os exames nacionais que serão revistos à luz do texto homologado da Base. (BRASIL, 2017, p. 05)

Diante dessa pretensão de pesquisa, o livro didático e a BNCC são importantes ferramentas para a elaboração da prática pedagógica compromissada com a construção de identificações entre os sujeitos através da diversidade linguística. Compreende-se, também, que o docente é protagonista ao selecionar o material didático e perceber suas consistências e inconsistências para a situação de ensino. Por isso, a análise dos livros é muito pertinente.

Para melhor compreender a pesquisa, o segundo capítulo tratará sobre 1) a Base e as exigências para variação linguística nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e 2) O lugar da variação linguística no currículo escolar. O terceiro capítulo abordará a análise dos livros didáticos. E, por último, têm-se as considerações finais da pesquisa.

capítulo 2

Pigilógico, tauba, cera lítica, sucritcho,

graxite, vrido, zaluzejo

"eu sou uma pessoa muito divertida"

pigilógico, tauba, cera lítica, sucritcho,

graxite, vrido, zaluzejo

"não sei falar direito"

pigilógico, tauba, cera lítica, sucritcho,

graxite, vrido, zaluzejo

"não sei falar"

(Zaluzejo, Teatro Mágico, 2003)

2 O CURRÍCULO ESCOLAR

2.1 AS INTENCIONALIDADES QUE DEFINEM O TERRITÓRIO CURRICULAR E A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Figura 3 - Arte na rua



Fonte: Apolo Torres (2019).

[...] *O que todos os alunos deveriam saber ao deixar a escola?*
(YOUNG, 2013, p. 192)

Perguntas como essa, quando feitas, parecem buscar definir e marcar o lugar do currículo escolar. Mas, ao tentar respondê-las, elas se tornam difíceis. As respostas não são tão óbvias e objetivas, pois ramificam-se em muitas possibilidades de definição sobre o que é currículo.

O próprio fato de emergir esse emaranhado de alternativas ao discutir-se o conceito de currículo faz com que ele torne-se um objeto de disputas e idealizações (SILVA, 2017). O que está em jogo ao elaborar sua definição são os aspectos identitários e culturais dos sujeitos que ocupam o espaço escolar. Por isso, o currículo não pode ser definido como um simples objeto que tem somente a pretensão de selecionar conteúdos pedagógicos.

[...] Nas discussões cotidianas, quando pensamos em currículo pensamos apenas em conhecimento, esquecendo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente,

envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade. (SILVA, 2017, p. 15)

Por trás desse território curricular há questões normativas que revelam as intencionalidades de cada escolha ao priorizar fazeres, conhecimentos e padrões em detrimento de outros. Desse modo, o currículo se constitui como um lugar instituído a partir do exercício de poder, onde os conhecimentos puramente pedagógicos se articulam às intencionalidades educacionais, que são sempre necessariamente políticas, e interferem e estruturam sujeitos e práticas que os definem.

Nesse sentido, os conteúdos elencados na composição do currículo são ferramentas necessárias para que a ação curricular se constitua. Por isso, por muito tempo, a variação linguística esteve em uma posição de fronteira no ensino de língua materna. De um lado estava quem reconhecia as variedades da língua falada e do outro quem as considerava um erro. Nessas duas perspectivas de trato sobre a variação, a segunda predominou nos currículos por um longo tempo.

Com a elaboração e implementação da BNCC atualmente, a variação linguística tem mudado o seu lugar de ocupação nas disputas curriculares. Essa situação indica como estão sendo percebidas as urgências que emergem dos assuntos da realidade social e do contexto de produção cultural em que o conhecimento está inserido. Isso revela sobre as intencionalidades que estão agindo para atender ao funcionamento do currículo escolar, pois a cultura e o reconhecimento de grupos estão chegando como importantes fatores ao construir a seleção do que deve ser passado para os alunos. Assim, “Nessa perspectiva, o currículo é um artefato cultural em pelo menos dois sentidos: 1) a “instituição do currículo é uma invenção social como qualquer outra; 2) o “conteúdo” do currículo é uma construção social” (SILVA, 2017, p. 135). Com isso, as variedades da língua ganham lugar ao aparecem como conteúdo obrigatório para o Ensino Fundamental.

2.2 O CURRÍCULO ESCOLAR E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: HISTÓRICO E MOTIVAÇÕES DA CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento planejado para instituir as aprendizagens e conteúdos obrigatórios para cada etapa dos Anos Iniciais do

Ensino Fundamental e da Educação Infantil, assim como está definido na apresentação do documento:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2017, p. 7)

O histórico sobre a elaboração do documento é antigo. Os debates começaram na Constituição de 1988 e seguiram por um longo período até a homologação da versão atual, em 2018. A ordem de elaboração teve o seguinte percurso: Em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei 9.394, a qual resultou na regulamentação de uma base nacional para a Educação Básica (BRASIL, 1996); Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1997, com a consolidação de 10 volumes do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental; PCNs para os Anos Finais do Ensino Fundamental, do sexto ao nono ano, em 1998, e em 2000, Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM).

Passado um tempo, em 2008, instituiu-se o Programa Currículo em Movimento, para melhorias no currículo da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, o qual durou até o ano de 2010. No mesmo ano ocorreu a Conferência Nacional de Educação (CONAE), momento em que se pautou a urgência de uma base nacional comum para todos os estados. Nesse mesmo ano também foram definidas as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (DCNs) e lançado o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

No ano de 2011, através da resolução n. 7 de dezembro de 2010, foram fixadas as Diretrizes Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos. Seguidas pela resolução n. 2 de 2012, que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e pela instituição do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Alguns anos depois, em 2013, instituiu-se o Pacto Nacional de Fortalecimento do Ensino Médio (PNFEM) e em 2014 foi regulamentada a nova vigência do Plano Nacional de Educação (PNE), o qual teve outras versões em 2001 e 2011. Na versão de 2014, o Plano contou com 20 metas para a Educação Básica, nas quais quatro referem-se à Base Nacional Comum Curricular.

Nesse mesmo ano, na 2ª CONAE, montou-se um documento sobre as mobilizações a serem feitas para a Base Nacional Comum Curricular contida no PNE. No ano seguinte, em junho de 2015, foi realizado um seminário para elaboração de uma primeira proposta, a qual resultou na primeira versão da BNCC. Seguido pela disponibilização da segunda versão e elaboração da terceira versão, ambas no ano de 2016. Por fim, no ano de 2017, a BNCC foi homologada pelo ministro da Educação e em 2018 os educadores do Brasil começaram a discuti-la nas escolas.

2.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Diante da necessidade de alguns temas de língua portuguesa serem tratados como conteúdos obrigatórios no Ensino Fundamental, a BNCC define o componente da disciplina a partir do seguinte objetivo:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2017, p. 67-68)

Com a intenção de promover a participação significativa e crítica do aluno na vida em sociedade, aborda-se como um dos conteúdos obrigatórios a variação linguística. O documento assume o reconhecimento de diferentes culturas na perspectiva da linguagem, destacando as línguas cooficializadas, a variação do código padrão do Português e o combate ao preconceito linguístico através do trabalho com a diversidade da língua no espaço escolar,

[...] sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, *é importante contemplar* o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente.

Ainda em relação à diversidade cultural, cabe dizer que se estima que mais de 250 línguas são faladas no país – indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira.

[...]

Assim, é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico. Por outro lado, existem muitas línguas ameaçadas de

extinção no país e no mundo, o que nos chama a atenção para a correlação entre repertórios culturais e linguísticos, pois o desaparecimento de uma língua impacta significativamente a cultura. (BRASIL, 2017, p. 70-71)

Para os Anos Iniciais, o documento apresenta quatro campos de atuação na língua portuguesa: campo da vida cotidiana, campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa e campo da vida pública, sustentados na seguinte justificativa:

A escolha por esses campos, de um conjunto maior, deu-se por se entender que eles contemplam dimensões formativas importantes de uso da linguagem na escola e fora dela e criam condições para uma formação para a atuação em atividades do dia a dia, no espaço familiar e escolar, uma formação que contempla a produção do conhecimento e a pesquisa; o exercício da cidadania, que envolve, por exemplo, a condição de se inteirar dos fatos do mundo e opinar sobre eles, de poder propor pautas de discussão e soluções de problemas, como forma de vislumbrar formas de atuação na vida pública; uma formação estética, vinculada à experiência de leitura e escrita do texto literário e à compreensão e produção de textos artísticos multissemióticos. (BRASIL, 2017, p. 84)

A partir desses campos de atuação, definem-se as práticas de linguagem do documento: leitura de textos, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica. Nas práticas de oralidade dos Anos Iniciais, a variação linguística aparece para o terceiro, o quarto e o quinto anos, sustentada na seguinte habilidade:

(EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos. (BRASIL, 2017, p. 113)

Desse modo, a variação linguística é indicada para ser trabalhada em sala de aula através de uma ampla perspectiva, em que se faz possível oferecer ao aluno uma possibilidade de acesso ao discurso oral respeitando e reconhecendo a diversidade linguística. Essa habilidade explicita o embate ao preconceito linguístico que deve ser feito nos Anos Iniciais, mostrando que a Base indica nova perspectiva de trabalho com a língua portuguesa, enfatizando os aspectos reais da língua falada e promovendo o acesso ao código padrão através da problematização de situações em aula. Nesse aspecto, o trabalho com a variação na língua portuguesa busca desfazer o que Bagno (2009, p. 52) salienta sobre o histórico de ensino de língua materna no Brasil: “Se tanta gente continua a repetir que o ‘português é difícil’ é porque o ensino tradicional da língua no Brasil não leva em conta o uso brasileiro do português.”

Portanto, a BNCC traz às práticas em sala de aula o combate ao preconceito linguístico, visando o desenvolvimento das competências comunicativas do aluno, não desmerecendo a norma culta e a gramática normativa, mas dimensionando o lugar de cada uma na construção do conhecimento e nos usos da língua.

capítulo 3

Quando for fazer compras no Gadefour:
Omovedor ajactu, sucritcho, leite dilatado, leite intregal,
Pra chegar na bioténica, rua de parelepídico
Pra ligar da doroviária, telefone cedular

Pigilógico, tauba, cera lítica, sucritcho,
graxite, vrido, zaluzejo

"não sei falar"

(Zaluzejo, Teatro Mágico, 2003)

3 LIVROS DIDÁTICOS

3.1 POR QUE ANALISAR LIVROS DIDÁTICOS?

Atualmente no Brasil, são muitos os fatores positivos e negativos que seguem amparando o uso do livro didático nas salas de aula. Dentre eles, as más condições da carreira docente, que, em muitas das situações, não possibilitam um tempo de qualidade para que o professor atente ao seu planejamento e produza materiais; a facilidade do acesso à atividades já preparadas, o que auxilia na abordagem dos conteúdos; as possibilidades de trabalho em diferentes momentos de aula, dentre outras. Todas essas situações ocorridas no uso do material concedem ao livro didático um lugar importante nas práticas em sala de aula, como afirma Choppin (2004, p. 553) ao listar as quatro funções que os livros didáticos exercem na prática pedagógica: *função referencial, função ideológica e cultural, função instrumental e função documental*.

Diante dessas características que o material possui, ele vem auxiliando na implementação dos sistemas educativos em sua função *ideológica e cultural*, notadamente, na afirmação da língua para a nação e na construção da identidade dos sujeitos. Nesse sentido, é importante considerar que

A partir do século XIX, com a constituição dos estados nacionais e com o desenvolvimento, nesse contexto, dos principais sistemas educativos, o livro didático se afirmou como um dos vetores essenciais da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes. Instrumento privilegiado de construção de identidade, geralmente ele é reconhecido, assim como a moeda e a bandeira, como um símbolo da soberania nacional e, nesse sentido, assume um importante papel político. (CHOPPIN, 2004, p. 553)

A partir dessa importante atribuição dada ao livro como agente político no sistema de ensino e na construção e reflexão sobre a língua nacional, a presente pesquisa optou por realizar a análise de dois livros didáticos destinados ao ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Um dos livros é destinado ao terceiro ano e o outro ao quinto ano. Os livros analisados foram utilizados durante o ano letivo de 2019 em uma escola privada do Rio Grande do Sul. O foco da análise é atentar para as consonâncias e dissonâncias entre o material e a BNCC, a partir da proposta que a Base traz sobre a obrigatoriedade do trabalho com a variação linguística nas aulas de linguagem.

3.2 O LIVRO DO TERCEIRO ANO E OS ESTEREÓTIPOS LINGÜÍSTICOS

O livro analisado foi organizado por William Cereja e Thereza Cochar, publicado no ano de 2017. Na capa há uma um selo afirmando estar de acordo com a BNCC. O material é organizado em unidades e cada unidade contém três capítulos:

Tabela 1 – Unidades e Capítulos do livro do terceiro ano.

UNIDADE 1	UNIDADE 2	UNIDADE 3	UNIDADE 4
<i>SER CRIANÇA</i>	<i>VIVA A SAÚDE!</i>	<i>BICHOS: PRAZER EM CONHECÊ-LOS</i>	<i>FABULANDO HISTÓRIAS</i>
CAPÍTULO 1 <i>INFÂNCIA FELIZ</i>	CAPÍTULO 1 <i>SAÚDE MESMO!</i>	CAPÍTULO 1 <i>A VIDA DOS BICHOS</i>	CAPÍTULO 1 <i>A ASTÚCIA E A RAPIDEZ</i>
CAPÍTULO 2 <i>INFÂNCIA EM QUADRINHOS</i>	CAPÍTULO 2 <i>TEMPO DE CHUVA? TEMPO BOM!</i>	CAPÍTULO 2 <i>SENHORA DAS ALTURAS</i>	CAPÍTULO 2 <i>O PEQUENO GRANDE AMIGO</i>
CAPÍTULO 3 <i>GRANDE OU PEQUENA?</i>	CAPÍTULO 3 <i>ALIMENTAÇÃO: ENTRE O PRAZER E A DISCIPLINA</i>	CAPÍTULO 3 <i>O RATO APAIXONADO</i>	CAPÍTULO 3 <i>ENTRE O DESEJO E O DESDÉM</i>

Fonte – tabela elaborada pela autora.

A abordagem sobre a variação linguística no livro aparece somente no capítulo um da unidade três, conforme a figura:

Figura 4 - Unidades e Capítulos (I)

UNIDADE 3 BICHOS: PRAZER EM CONHECÊ-LOS!	
CAPÍTULO 1 A VIDA DOS BICHOS	
LEITURA DE FILME – A VIDA SECRETA DOS BICHOS, YARROW CHENEY E CHRIS RENAUD.	184
PRODUÇÃO DE TEXTO	186
A EXPOSIÇÃO ORAL	186
REFLEXÃO SOBRE A LINGUAGEM	191
DE OLHO NA ORALIDADE: QUIMINDO VARIAÇÕES DA LÍNGUA	191
VARIEDADES LINGÜÍSTICAS	192
DE OLHO NA ORALIDADE: PRATICANDO A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA	199
DE OLHO NA LECTURA E NA ESCRITA: EMPREGO DE – M E – ÑO	200
BRINCANDO COM PALAVRAS	202
DIVIRTA-SE	205
RETOMANDO E AMPLIANDO	205

Fonte – CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 6).

Nesse capítulo, o assunto é introduzido com a proposta de fazer reflexões sobre a linguagem a partir do filme *A vida secreta dos bichos*, de Yarrow Cheney e Chris Renaud, seguido por perguntas de interpretação textual que direcionam a atividades de exposição oral. Nesse momento, o material ensina ao aluno como fazer uma apresentação de trabalho utilizando recursos audiovisuais, refletindo sobre a postura corporal e a linguagem oral. Quando aborda a maneira que o aluno deve falar, trata sobre uma linguagem correta. No entanto, o material introduz a temática da variação linguística já cometendo uma exclusão através da língua, pois ensina ao aluno uma linguagem estigmatizada como correta.

Partindo desta introdução que realiza uma exclusão linguística a partir da ideia de *linguagem correta*, o material inicia a seção sobre oralidade “*De olho na oralidade: ouvindo variações da língua*” (CEREJA; MAGALHÃES, 2017, p. 191), em que são propostas as seguintes reflexões sobre variação linguística:

Figura 5 - Atividade sobre vídeo

1. ASSISTINDO AO VÍDEO

Você conhece o Chico Bento, personagem da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa? Ele é um menino caipira, que mora na roça e fala uma linguagem diferente daquela que é falada nas grandes cidades.

Com a ajuda do professor, acesse a Internet e assistam no YouTube ao vídeo “Chico Bento – Na roça é diferente”. Depois, responda oralmente às perguntas a seguir.

- 8 O primo de Chico Bento foi passar férias na roça. A vida no campo era igual à que ele vivia na cidade? Por quê? Dê exemplos.
- 9 A linguagem da família de Chico Bento no dia a dia era diferente da usada pelo primo.
 - a) Apesar das diferenças entre os primos, eles se entenderam bem?
 - b) Que palavras ou expressões usadas por Chico Bento ou pela mãe do menino você falaria de modo diferente? Dê exemplos.

Fonte - CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 191).

Nessa atividade, propõe-se ao aluno que pense sobre a linguagem do personagem Chico Bento no vídeo assistido. O vídeo é de 1990 e é feito a partir de estereótipos do mundo urbanizado versus o mundo da roça. No vídeo, o primo de Chico Bento estranha a realidade de quem vive na roça. Quando chega à casa de Chico, acha que sua família foi roubada por não terem eletrodomésticos.

Essa situação incute uma ideia de preconceito por ser somente o diferente que fala *errado* e leva o aluno a pensar que sua variedade da língua é a correta, pois a perspectiva de vídeo é narrada pela visão de estranhamento do menino vindo do contexto urbano ao chegar à roça e se deparar com um lugar entediante. Nas perguntas que a atividade estabelece para o aluno, existe um lugar subjetivo em que parece que a variedade urbana da língua está mais correta que a variedade falada na roça. Pois as comparações feitas nas perguntas colocam o primo de Chico Bento em um lugar de maior prestígio.

Em seguida, há um texto do Chico Bento para relacionar com a canção de Luiz Gonzaga:

Figura 6 - Texto “Variedades Linguísticas”

VARIEDADES LINGUÍSTICAS

Você viu, no vídeo do Chico Bento e na canção de Luiz Gonzaga, que há pessoas que falam a nossa língua, mas não falam igual a nós. Isso acontece por muitas razões, entre as quais o fato de essas pessoas serem nascidas ou viverem em regiões do país diferentes da nossa.

Agora, leia o texto a seguir, de Mauricio de Sousa.

Um Causo

Ai, Ai...



Já fazia um tempão que o Chico tinha começado a capinar o roçado e ainda não estava na metade. É que, a cada enxada, ele parava para dar dois suspiros de amor.

— Ô Chico, que cara de pelxe morto é essa? — perguntou o Zê Lelé, que ia a caminho do riacho.

— Ai, primo, é que num consijo pará di pensá na Rosinha. Acho

qui eu diva falá co pai dela pra mor di nós namorá direito, só que morro di vregonhá!

Ô Zê Lelé, então, resolveu deixar a pescaria de lado e ajudar o Chico. Lá se foi ele falar com o pai da Rosinha:

— Diga uma coisa, seu Antunes... o qui o sinhô acha do meu primo Chico?

— Ara, garoto bãn tá ah! O Chico é inducado, respeitadô i num perde as missa di domingo.

— Intão, o sinhô deixaria ele namorá ca sua fia? — perguntou o Zê.

— Ficô loco? Di jeito nenhum. Já pensô si um dia eles arresorve si casá?

— Ué? E qual é o pobrema?

— É qui o Chico só tira zero na iscola i eu num quero qui meus neto nasça tudo anarfabeto!

TSC, TSC!

62

63

(Manual da roça do Chico Bento. São Paulo: Globo, 2003. p. 62-63.)

Fonte - CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 192).

A canção solicitada tem a seguinte letra:

Asa Branca – Luiz Gonzaga

Quando olhei a terra ardendo

Qual fogueira de São João

Eu perguntei a Deus do céu, ai

Por que tamanha judiação

Eu perguntei a Deus do céu, ai

Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornalha

Nem um pé de plantação

Por falta d'água perdi meu gado

Morreu de sede meu alazão

Até mesmo a asa branca

Bateu asas do sertão

Entonce eu disse, adeus Rosinha

Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas léguas

Numa triste solidão

Espero a chuva cair de novo

Pra mim voltar pro meu sertão

[...]

A maneira como livro propõe a atividade é um pouco descontextualizada. A canção de Luiz Gonzaga requer maiores interpretações para que as crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental compreendam as variações e o que a letra da música quer dizer. Seria necessária uma abordagem maior referente às palavras da canção.

O enunciado em que se solicita a leitura do texto do Chico Bento segue repetindo a ideia de que quem fala diferente são os outros, levando o aluno que lê a pensar que sua variação da língua é a *correta*. Impede, assim, que as crianças

compreendam, através do material, que a variação linguística está presente em todos os lugares que uma língua está em uso (ANTUNES, 2009).

Em seguida há um trabalho de interpretação de texto junto de proposições para transpor a variedade de Chico Bento para a variedade falada pelos alunos.

Figura 7 - Atividade de fala e escrita

- 4 Para caracterizar bem suas personagens da roça, Mauricio de Sousa procura imitar a linguagem falada pelas pessoas que vivem na zona rural. Releia esta fala de Chico Bento:

"Acho qui eu d'via falá co pai dela pra mor di nós namorá dereito, só que morro de vregonha!"

- Troque ideias com os colegas: Como vocês fariam essa frase na cidade em que vivem?
- Como vocês escreveriam essa frase?

Fonte – CEREJA; MAGALHÃES (2007, p. 193).

Esta atividade segue agindo como reforço para que os alunos tenham estranhamento diante da fala de outras pessoas, e não no reconhecimento das variedades presentes na língua. Esta atividade também coloca os sujeitos que produzem as variedades mais estigmatizadas em um lugar de ignorância e equívoco, pois sugere ao aluno transpor a frase para a variedade que falam.

Na página seguinte, para retomar e fixar o conceito de variação linguística, é solicitada a leitura de um pequeno texto de conceituação sobre o que é norma-padrão e variedades linguísticas.

Figura 8 - Conceitos de variedades linguísticas e norma-padrão

Você já aprendeu que a língua portuguesa não é igual em todos os lugares e em todas as situações em que é falada. Existem muitas variações dela, chamadas **variedades linguísticas**.

Retomando

- Variedades linguísticas são as diferentes maneiras de falar e escrever uma língua.
- Norma-padrão é o conjunto das normas ou leis que orientam o uso da língua. Essas normas são encontradas nos dicionários e nas gramáticas.

Fonte – CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 194).

O texto ensina que variedades linguísticas equivalem a maneiras diferentes de falar e escrever. Porém, ao propor a utilização do vídeo e o texto do Chico Bento, não passa exatamente esse conceito. Ensina como se as variedades fossem o que é falado pelos outros que estão em outros lugares, distantes do aluno, e não pela variedade presente em sua própria realidade.

Seguindo, o material adentra nas variações intercontinentais, contextualizando historicamente a chegada da língua no Brasil e explicando através de uma perspectiva histórica as mudanças da língua.

Figura 9 - Variações intercontinentais

VARIAÇÕES INTERCONTINENTAIS

Faz mais de 500 anos que os portugueses chegaram ao Brasil e colonizaram nossas terras. Com eles, também veio a língua portuguesa, que se tornou a língua oficial do país.

De lá para cá, o português sofreu muitas mudanças no Brasil, mas, ainda assim, é possível que um brasileiro e um português se comuniquem sem grandes problemas.

A língua portuguesa no mundo

Além de trazer a língua portuguesa para o Brasil, os navegantes de Portugal a levaram para outros lugares, como a África e a Ásia. Por isso, o português tornou-se a língua oficial também de países como Angola, Moçambique, Cabo Verde, Macau, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau.

O português é a sexta língua mais falada no mundo, com um total de 250 milhões de falantes, dos quais 210 milhões vivem no Brasil.

Fonte – CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 195).

Nesses pontos abordados no texto *Variações Intercontinentais*, alguns aspectos merecem ser repensados referentes à caracterização passada sobre as mudanças no Português:

“Faz mais de 500 anos que os portugueses chegaram ao Brasil e colonizaram nossas terras. Com eles, também veio a língua portuguesa, que se tornou a língua oficial do país.

De lá para cá, o português sofreu muitas mudanças no Brasil, mas, ainda assim, é possível que um brasileiro e um português se comuniquem sem grandes problemas.” (CEREJA; MAGALHÃES, p. 195, 2017)

O texto proposto para reflexões sobre as mudanças na língua pode trazer uma compreensão de variação linguística negativa para a criança que vier a ler. Quando o

aluno lê que “o português *sofreu* muitas modificações”, pode ocorrer de pensar que o português correto foi o trazido por Portugal para o Brasil e que as mudanças linguísticas formam um erro na língua. O texto presente na figura 9 também constrói uma imagem de Portugal como o país que levou a língua para outros países sem haver imposição e negação cultural dos nativos habitantes na região. Essa falsa compreensão sobre a realidade histórica dos países colonizados, incluindo o Brasil, desconsidera que muitas línguas indígenas foram destruídas com a chegada dos portugueses (LAGARES; BAGNO, 2011).

Nas páginas seguintes, são abordadas as diferenças entre o Português brasileiro e o de Portugal e a mudança nas palavras.

Figura 10 - Variações

2 Leia esta tira, publicada em Portugal:



(Jim Davis. *Garfield está de parabéns*. Lisboa: Meribérica Liber, 1997. p. 40.)

O gato Nermal quer fazer inveja a Garfield. Ele diz que é **giro**, uma palavra muito usada em Portugal. Se a tira fosse publicada no Brasil, essa palavra certamente seria trocada por outra. Tente descobrir quais poderiam ser usadas e marque-as.

<input type="radio"/> gordo	<input type="radio"/> bonito
<input type="radio"/> modesto	<input type="radio"/> forte
<input type="radio"/> elegante	<input type="radio"/> honesto

3 O português brasileiro é diferente do português falado em Portugal e em outros países, porque incorporou muitas palavras vindas das línguas indígenas e africanas. Junto com um colega, tentem descobrir a origem das palavras abaixo e escrevam:

(1) para indicar as palavras de origem indígena
(2) para indicar as palavras de origem africana

() pipoca	() minhoca
() moleque	() samba
() perereca	() caipira
() marimbondo	() pororoca
() mingau	() bagunça
() peteca	() camundongo



Fonte - CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 196).

Nesse momento, o material apresenta palavras que podem corroborar estereótipos negativos dados aos africanos, já que são indicadas palavras que se referem à situações de festa e confusão.

Ao encerrar o capítulo, o material propõe uma atividade em grupos ou duplas em que necessitam realizar a seguinte atividade:

Figura 11 - Praticando a variação linguística

DE OLHO NA ORALIDADE: PRATICANDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Junte-se a um colega e desenvolvam uma das propostas a seguir, conforme a orientação do professor.

1 Reproduzam do texto "Ai, ai...", de Mauricio de Sousa (página 192), o trecho do diálogo entre Zé Lelé e o pai da Rosinha que vai de "– Diga uma coisa, seu Antunes..." até o fim. Um diz a fala de Zé Lelé, e o outro, a fala do pai da Rosinha. Lembrem-se: os dois falam o "caipirês", isto é, a variedade linguística falada na zona rural.



2 Outras duplas reproduzem o mesmo diálogo entre Zé Lelé e o pai de Rosinha, mas imaginando que eles são escolarizados e vivem em uma grande cidade do nosso país. Para o diálogo ter lógica, nesse caso, vocês poderão mudar a última frase do texto, se quiserem.

Ensaíem várias vezes o diálogo, tentando captar o modo de falar das personagens, de acordo com a origem delas. Quando o diálogo estiver bom, apresentem-no à classe.

Fonte - CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 199).

O título dado à atividade final do capítulo denota uma ideia de que a variação linguística é uma variedade diferente e separada daquela que o aluno que utiliza o material fala, pois instrui ao aluno a praticar a variação, como se fosse outra língua.

A atividade 1, ao solicitar que os alunos reproduzam a fala do texto "Ai, ai...", ridiculariza o lugar da variação linguística e coíbe a ideia da pluralidade de fala, pois propõem que o assunto seja trabalhado de maneira artificial, não conscientizando que

todos têm uma variedade linguística presente em suas falas. Nesse mesmo sentido, a atividade 2 segue afirmando e ridicularizando as variedades, pois supõem que fala corretamente somente quem é escolarizado e vive em uma grande cidade. Essa situação perpetua o preconceito linguístico em sala de aula, já que a variedade linguística não tem a ver com a escolarização dos sujeitos, mas sim com o movimento de uma língua viva que produz suas mudanças através dos aspectos culturais e de uso de seus falantes.

O livro do terceiro ano, portanto, age através de estereótipos e não consegue passar ao aluno a consciência do que realmente é variedade linguística e de que sua fala está em constante mudança.

3.3 O LIVRO DO QUINTO ANO E A NECESSIDADE DE COMPREENDER A LÍNGUA ALÉM DOS ESTIGMAS LINGUÍSTICOS

O material analisado para o quinto ano faz parte da mesma coleção do livro do terceiro ano, organizado pelos mesmos autores, William Cereja e Thereza Cochar, publicada no ano de 2017. Na capa dessa unidade também há um selo afirmando estar de acordo com a BNCC. O material do quinto ano é organizado em quatro unidades com três capítulos.

Tabela 2 - Unidades e Capítulos do livro do quinto ano.

UNIDADE 1	UNIDADE 2	UNIDADE 3	UNIDADE 4
<i>LIÇÕES DE SABEDORIA</i>	<i>VALORES</i>	<i>EM CENA</i>	<i>SER CIDADÃO</i>
CAPÍTULO 1 <i>A ORIGEM DAS COISAS</i>	CAPÍTULO 1 <i>SER HUMANO: INIMIGO NÚMERO 1 DO MEIO AMBIENTE</i>	CAPÍTULO 1 <i>UMA HOMENAGEM AO CINEMA</i>	CAPÍTULO 1 <i>FORA DE CASA, DENTRO DO ABISMO</i>

CAPÍTULO 2 <i>A FORÇA E A ASTÚCIA</i>	CAPÍTULO 2 <i>VALORES: SUAS CORES, SUAS DORES</i>	CAPÍTULO 2 <i>O TEATRO CRIA E RECREIA</i>	CAPÍTULO 2 <i>MALALA E O DIREITO DE ESTUDAR</i>
CAPÍTULO 3 <i>O PERIGO QUE VEM DAS ÁGUAS</i>	CAPÍTULO 3 <i>INTERNET: DENTRO DA REDE, FORA DA VIDA?</i>	CAPÍTULO 3 <i>TEATR: A ARTE DE SER O OUTRO</i>	CAPÍTULO 3 <i>INFÂNCIA ROUBADA</i>

Fonte – tabela elaborada pela autora.

Neste livro, a abordagem da variação linguística aparece no capítulo três da unidade dois. As reflexões sobre o conteúdo são feitas a partir da linguagem formal, da linguagem informal e da gíria.

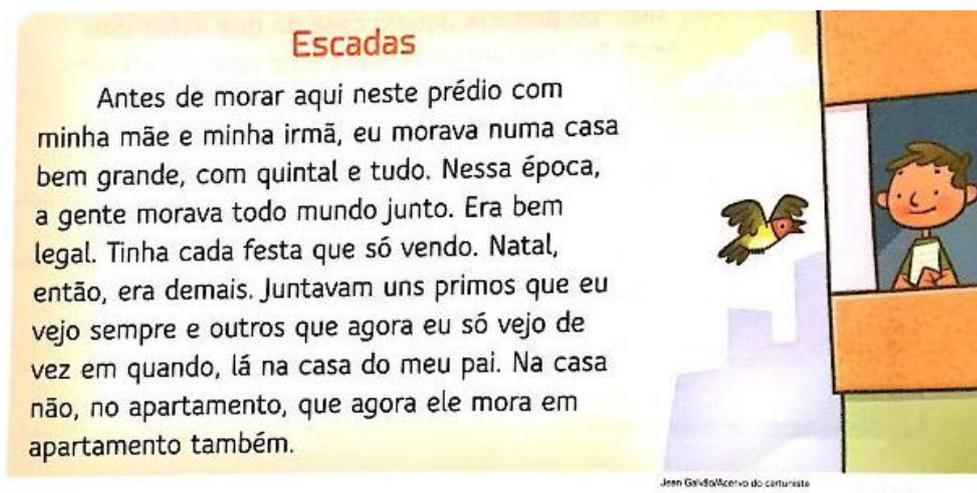
Figura 12 - Unidades e Capítulos (II)

CAPÍTULO 3 INTERNET: DENTRO DA REDE, FORA DA VIDA?		128
LEITURA – MISSÃO IMPOSSÍVEL?, GABRIELA VALDANHA E REBECCA VICENTE	138	
OS SENTIDOS DO TEXTO	141	
A LINGUAGEM DO TEXTO	144	
DE OLHO NA ORALIDADE: RODA DE DISCUSSÃO	146	
LENDO INFOGRÁFICO	147	
PRODUÇÃO DE TEXTO	149	
A REPORTAGEM	149	
TEXTO PUXA TEXTO	156	
A TIRA E AS REDES SOCIAIS	156	
REFLEXÃO SOBRE A LINGUAGEM	157	
VARIEDADES LINGÜÍSTICAS: LINGUAGEM FORMAL, LINGUAGEM INFORMAL, GÍRIA DE OLHO NA LEITURA E NA ESCRITA: ACENTUAÇÃO DAS PALAVRAS	157	
PROPAROXÍTONAS	165	
BRINCANDO COM PALAVRAS	169	
DIVIRTA-SE	170	
RETOMANDO E AMPLIANDO	171	

Fonte - CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 6).

O capítulo inicia com um texto que traz situações de uso informal da língua:

Figura 13 - Texto “Escadas”



Fonte - CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 157).

Figura 14 - Texto “Escadas” (II)

Coisa mais chata essa de morar em prédio. Eu preferia *aquela* casa do que *estes dois* apartamentos. Lá não tinha síndica pra implicar comigo, eu podia ficar no quintal até tarde e até acampar com umas cabanas de cobertor que meu pai ajudava a gente a fazer. Era uma delícia. Uma vez a gente resolveu passar a noite toda na cabana. Foi o maior legal. O Pedro trouxe duas lanternas e uns sanduíches que a mãe dele fez e que, aliás, tavam ruins pacas. Sei lá o que ela pôs lá dentro. O Pedro gostou, mas isso não quer dizer nada. O cara é assim, ô, de tanto comer. Nunca vi. Na escola eu cumprimentava a turma assim: “Bom dia, Maurício. Bom dia, Bruno. Bom apetite, Pedro!” A turma ria pra caramba e ele ficava fulo da vida!

[...]

(*Guia prático para fazer as coisas*. Belo Horizonte: Formata, 2001, p. 17.)

Fonte - CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 158).

O texto que inicia o capítulo traz os usos da fala na escrita, demonstrando ao aluno a linguagem informal. Nesse sentido, o que é tratado não se refere exatamente à variação linguística, mas se demonstra ao leitor que fazemos usos de muitos códigos quando escrevemos ou falamos, o que torna possível ao aluno compreender que as palavras que ele usa variam de acordo com quem ele está falando. Dessa maneira, ele percebe que sua língua tem mudanças.

Após a leitura do texto, solicita-se que o leitor responda perguntas de interpretação textual para então realizar uma atividade sobre a linguagem informal e a linguagem formal:

Figura 15 - Atividade linguagem formal e linguagem informal

3 Suponha que o narrador da obra tivesse um perfil de adulto e pretendesse se comunicar com um público adulto, usando uma linguagem formal. Nesse caso, como ficariam os seguintes trechos do texto? Reescreva-os.

- "Foi o maior legal."
- "[os sanduíches] tavam ruins pacas"
- "A turma ria pra caramba"
- "O cara é assim"
- "ele ficava fulo da vida!"



Fonte - CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 159).

Esta atividade possibilita ao aluno refletir sobre palavras que estão empregadas no uso oral da língua. Porém, deve-se ter cuidado para não direcionar o leitor para considerar a linguagem informal um erro. Muitas das mudanças da língua partem do uso informal. O livro não chega a advertir sobre isso.

O capítulo segue realizando explicações a partir do conceito da variação linguística:

Figura 16 - Explicação sobre variação linguística

Como se vê, a linguagem pode sofrer muitas variações e seu uso depende de vários fatores, como a situação em que é utilizada, se é falada ou escrita, o tipo de texto (*e-mail*, carta, notícia), as intenções de quem fala e escreve, etc. A todas essas variações, chamamos variações linguísticas.

Fonte - CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 160).

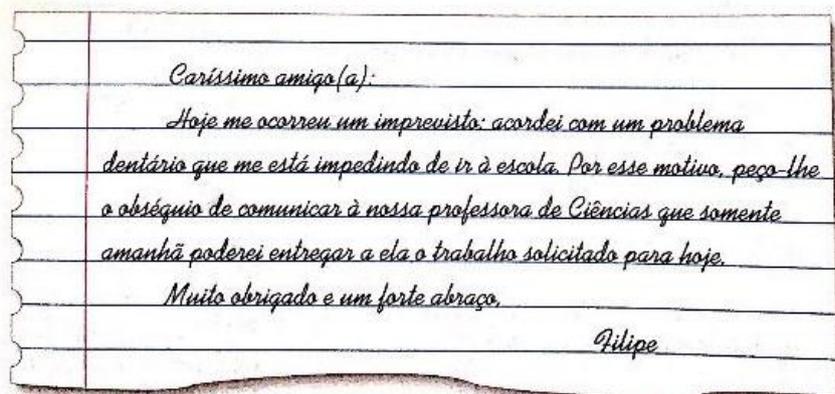
Em seguida tem-se explicação de linguagem formal e informal junto de uma atividade com perguntas.

Figura 17 - Linguagem formal e linguagem informal

LINGUAGEM FORMAL E LINGUAGEM INFORMAL

Quando nos comunicamos com outras pessoas de forma descontraída e livre de pressões, ou seja, sem que alguém esteja observando ou corrigindo o modo como falamos, costumamos empregar a **linguagem informal**. Nela, algumas palavras geralmente são abreviadas, como **pra** e **tava** (em vez de **para** e **estava**), pode haver expressões utilizadas por determinado grupo, como **o maior legal**, e expressões populares, como **pra caramba** e **fulo da vida**.

Quando, porém, a situação exige de nós uma linguagem mais elaborada e mais próxima da norma-padrão, empregamos a **linguagem formal**, em que palavras e expressões como essas são evitadas.



Fonte – CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 160).

No texto em que se conceitua linguagem formal e informal, novamente, aparece o estigma de que a linguagem informal só deve ser utilizada quando não tem alguém para corrigir. Isso contraria o que o livro tenta explicar a partir de variedade linguística, pois a variedade se faz presente inclusive no uso da linguagem formal.

Figura 18 - Reflexões sobre o bilhete

- a) O que você acha da linguagem empregada nesse bilhete? Ela é formal ou informal? Ela está adequada à situação, ou seja, combina com quem escreve, com o destinatário, com o tipo de texto, etc.? Por quê?



- b) Reescreva o texto, utilizando linguagem informal. Depois, leia o texto para a classe e ouça a versão dos colegas.

Fonte - CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 161).

Depois da leitura do texto e reflexões sobre a linguagem formal e informal, inicia-se a explicação sobre o que são gírias, trazendo exemplos de gírias de alguns grupos.

Figura 19 - Gíria

GÍRIA

Há palavras e expressões que são utilizadas principalmente por certo grupo de pessoas: estudantes, surfistas, skatistas, taxistas, policiais, etc. Tais palavras constituem o que, na língua, se chama de **gíria**. Geralmente, com o tempo elas saem de moda e desaparecem. A expressão **animal**, por exemplo, é uma gíria que já foi muito usada no passado para significar **legal** ou **radical**, mas atualmente vem sendo menos utilizada e tende a desaparecer. Já a expressão **de boa** vem sendo usada por vários grupos sociais. O emprego de gírias costuma ocorrer quando estamos usando a linguagem coloquial (do dia a dia) ou informal.

Veja, a seguir, exemplos de algumas gírias muito usadas pelo grupo dos skatistas.

Fonte - CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 161).

Figura 20 - Dicionário dos Skatistas

Dicionário dos skatistas

Banca: grupo de amigos

Bico sujo: um cara chato, que fala muita bobagem

Bombeta: boné

Cabrero: situação ou manobra difícil

Chegado: amigo

Dropar: descer a pista com o skate

Ganguero: pessoa que se veste meio largadão, estilo hip hop

Goma: casa

Insano: muito bom

Jam: reunir a galera para andar de skate

Madeira: skate

Nipe: quando a pessoa está bem-arrumada, cheia de estilo

Piscina: a pista de skate

Pranchinha: skate

Rad: abreviação de radical

Sangue bom: pessoa bacana

(Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/Edicoes/148/artigo37223-1.asp>.
Acesso em: 15/3/2017.)



Fonte - CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 162).

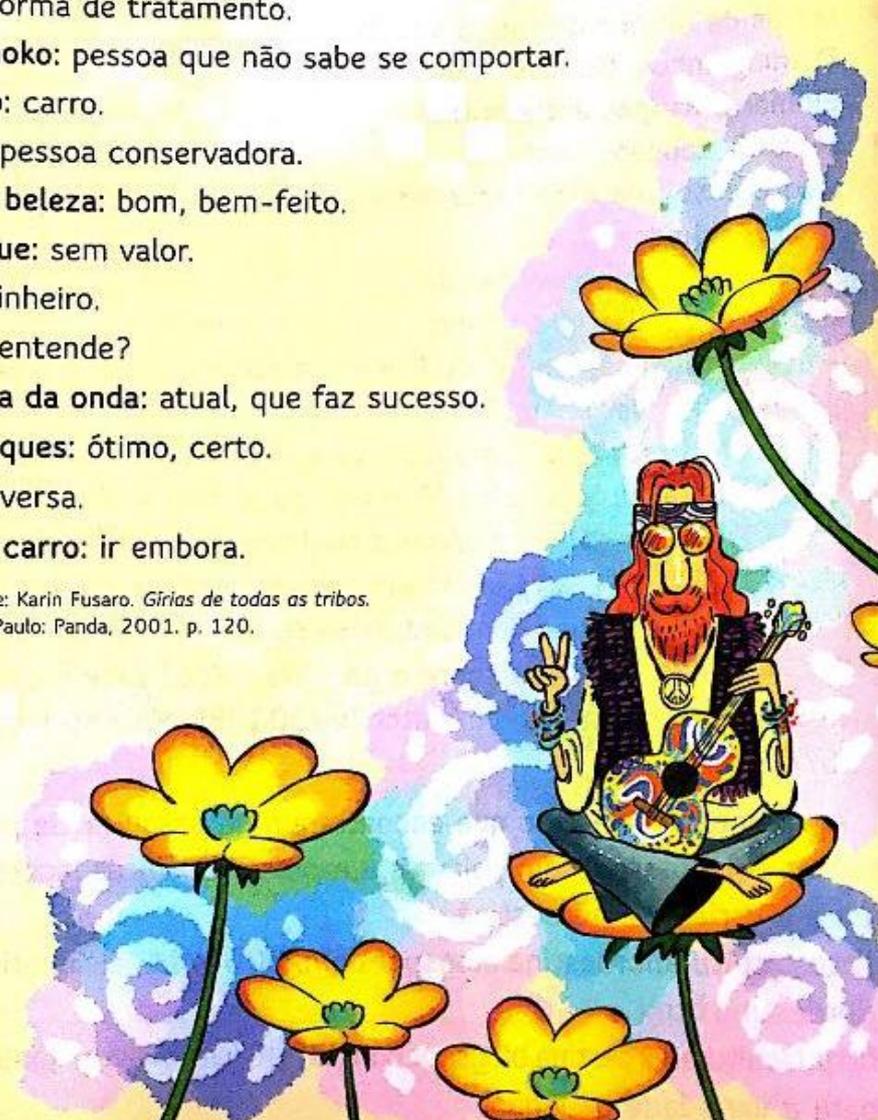
Figura 21 - Gírias antigas

Conheça também algumas gírias antigas. Pergunte aos seus avós se eles chegaram a usar palavras como as seguintes e em que situações.

Gírias antigas

bacana: pessoa rica, que se veste bem.
bicho: forma de tratamento.
boko-moko: pessoa que não sabe se comportar.
carango: carro.
careta: pessoa conservadora.
chuchu beleza: bom, bem-feito.
de araque: sem valor.
gaita: dinheiro.
mora?: entende?
na crista da onda: atual, que faz sucesso.
nos trinques: ótimo, certo.
plá: conversa.
puxar o carro: ir embora.

Fonte: Karin Fusaro. *Gírias de todas as tribos*.
 São Paulo: Panda, 2001. p. 120.



Fonte - CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 163).

Nesta introdução das gírias, o livro traz ao aluno uma perspectiva de que somente determinados grupos produzem gírias, o que pode vir a resultar na estigmatização de alguns grupos que as usam, impedindo que os alunos enxerguem que todo grupo de falantes tem suas gírias e suas variedades. O livro demonstrou os

conteúdos colocando somente o sujeito que tem variação e usa linguagem informal como “o outro”, evitando refletir a partir das gírias utilizadas nas salas de aula, por exemplo.

Para encerrar o capítulo, é proposta uma atividade de pesquisa referente a tipos textuais e as variedades presentes:

Figura 22 - Pesquisa

Agora, junte-se a seu grupo para fazer uma pesquisa ou para produzir um vídeo.

PESQUISA

Em grupo, discutam que tipo de texto vão escolher para fazer uma análise da linguagem e do uso de termos e expressões regionais.

Eis algumas sugestões:

- Letras de música de Luís Gonzaga, Dominginhos, Geraldo Azevedo, Elomar e Xangai, entre outros.
- Letra da canção "Canto alegretense", de Nico Fagundes e Bagre Fagundes.
- Trechos de obras literárias de escritores nordestinos, como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Jorge Amado, e do escritor gaúcho Érico Veríssimo.
- Textos orais falados por nordestinos e gaúchos, entre eles Ariano Suassuna em "Programa do Jô: reveja papo com Ariano Suassuna" (<https://www.youtube.com/watch?v=NoH6CCm457A>; acesso em: 16/4/2019) e Jessiê Quirino em "Jessier Quirino – O barbeiro", (<https://www.youtube.com/watch?v=YUTK77qV7s>; acesso em: 16/4/2019) e matéria sobre o gaúchos: "Você sabe gaúchos?" (<https://www.youtube.com/watch?v=301RBPBWG-4>; acesso em: 16/4/2019).



O músico Elomar.

Apresentem à classe o que encontraram na pesquisa. Se precisarem consultar um glossário com palavras e expressões típicas, acessem:

- para a variedade nordestina:
- <http://culturanordestina.blogspot.com/2007/11/dicionario-nordestino.html>
- <http://culturanordestina.blogspot.com/2008/08/diaeto-nordestins.html>
- para a variedade gaúcha:
- <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/dicionario-gaucho/>

Fonte - CEREJA; MAGALHÃES (2017, p. 164).

Nessa proposta final de atividade, percebe-se que o material continua lidando com estereótipos ao pensar textos e músicas descontextualizados e possivelmente distantes da sala de aula e do local que os alunos vivem. São oferecidas propostas para que o aluno compreenda as variações a partir dos estereótipos do nordestino e do gaúcho, basicamente. Tais grupos são indicados como exemplos de linguagem

“regional”. Assim, o livro faz crer que regional é sinônimo de periférico e a expressiva ausência de menção ao Sudeste, por exemplo, nessa atividade, sugere que ali estaria algo como o “centro” do ponto de vista linguístico. Tal fato cria no aluno um imaginário que pode vir a reforçar o preconceito linguístico, pois há pouca possibilidade de que ele compreenda que também produz variação e que utiliza a linguagem informal e gírias assim como outros grupos sociais.

considerações finais

[]

Mas quando alguém te disser ta errado ou errada
Que não vai S na cebola e não vai S em feliz
Que o X pode ter som de Z e o CH pode ter som de X
Acredito que errado é aquele que fala correto e não vive o que diz
(Zaluzejo, Teatro Mágico, 2003)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa realizou a análise dos livros didáticos do terceiro e quinto ano do Ensino Fundamental buscando compreender como está proposto o trabalho com a variação linguística nesse material. A pesquisa analisou, ainda, a proposição da variedade linguística como objeto do conhecimento na Base Nacional Comum Curricular, que traz o conteúdo como obrigatório para o ensino na educação básica brasileira.

A partir da análise, a pesquisa constatou que as proposições feitas dos livros cujo objetivo era refletir sobre a variação linguística não tinham muito espaço para contemplar a dimensão real do uso da variação linguística, que compreende as variedades como o movimento de uma língua viva e funcional (COSTA, 1996). As propostas feitas no material são pensadas a partir de estereótipos. Nos livros, muitas vezes, sugere-se que quem faz uso das variações são outros grupos, e não o grupo social em que se insere o aluno que lê os enunciados. O material traz identificação para quem é do contexto urbano, estigmatizando as outras variedades da língua falada, pois o tratamento didático-pedagógico dado é insuficiente para que se compreenda que a variação linguística está no domínio de todos os falantes da língua portuguesa. Não há aprofundamento no contexto de uso da variação linguística, o material aborda contextos muito distantes do aluno, o que pode vir a causar distanciamento das situações reais de uso da língua.

Desse modo, no Brasil, necessita-se ampliar o uso do espaço instituído na Base Nacional Comum Curricular para o reconhecimento linguístico. O documento traz a variação linguística como objeto do conhecimento tanto do terceiro quanto do quinto ano do Ensino Fundamental diante de um conjunto extenso de conteúdos de língua portuguesa, o que faz com que o conteúdo fique reduzido e seja abordado muito pouco em sala de aula e nos materiais didáticos. Por isso, os currículos escolares e os livros didáticos devem abranger com maior intencionalidade o lugar de reconhecimento de identidade dos sujeitos através do trabalho com as variedades da língua nas escolas, para que assim seja possível combater o preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Língua, Texto e Ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**, São Paulo: Contexto, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico – o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 52^a. ed., 2009.
- BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da Vida Inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BATISTA, A. A avaliação dos livros didáticos: para entender o Programa nacional do Livro Didático (PNLD). In: ROJO, R.; BATISTA. **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994. (Original: Langue Française, 34, maio 1977).
- CEREJA, William; COCHAR, Thereza. Português: Linguagens 5º ano. São Paulo: Atual, 2017.
- CEREJA, William; COCHAR, Thereza. Português: Linguagens 3º ano. São Paulo: Atual, 2017.
- CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 3, p.549-566, set./dez. 2004.
- COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. **Educar**, Curitiba, v. 12, n. 12, p.51-60, jan/dez 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GONZAGA, Luiz. **Asa Branca**. RCA Victor: 1974. Single (2:51 min).
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LAGARES, C. X. e Marcos Bagno (orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011.
- O TEATRO MÁGICO. **Zaluzejo**. São Paulo: Independente: 2003. Disco sonoro (71:31 min).

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 8. ed. São Paulo: Ática, 1994.

YOUNG, Michael. Teoria do currículo: o que é e porque é importante. **Cadernos de Pesquisa**, v.. 44, nº. 51, jan./mar. 2014, p.190-202.